

MANTORRAS QUEM É O 'NOVO EUSÉBIO'

www.visaonline.pt

VISÃO

aj

Nº 440 • 16 A 22 AGOSTO 2001 • 480\$00 • €2,39



INÉDITO

**GABRIEL
GARCÍA
MÁRQUEZ**

**COMO
EU CRIEI
'CEM ANOS
DE SOLIDÃO'**

Uma crónica exclusiva do Prémio Nobel sobre os 35 anos do manuscrito da sua obra-prima



0.044.0
516052481000383

o que está a dar neste

Verão



As peripécias que marcaram a publicação do romance *Cem Anos de Solidão* – obra que se tornou numa referência da literatura mundial e que deu o Prémio Nobel ao autor – são agora reveladas por Gabriel García Márquez, com ironia e afectuosidade irrecusáveis. Trata-se de um relato fascinante, escrito a propósito do leilão das primeiras provas tipográficas da notável saga sul-americana, a ser realizado a 21 de Setembro, em Barcelona. O volume em causa foi oferecido em 1967 a um casal amigo do escritor. O falecimento dos destinatários levou a que o documento fosse colocado em hasta pública. García Márquez ocupou o grande plano da actualidade ao regressar ao jornalismo (é um repórter de excepção) à frente da revista colombiana *Câmbio*, onde publicou este artigo, cujos direitos a VISÃO adquiriu para Portugal

CEM ANOS DE SOLIDÃO

O ROMANCE POR TRÁS DO ROMANCE

CULTURA

POR GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Em princípios de Agosto de 1966, Mercedes e eu fomos ao posto de correios de San Angel, na Cidade do México, para enviar para Buenos Aires o original de *Cem Anos de Solidão*. Era um embrulho com 590 páginas, escritas à máquina, a dois espaços, em papel comum, e dirigido ao director literário da editora Sudamericana, Francisco (Paco) Porrúa. O empregado dos correios colocou a encomenda na balança, fez os seus cálculos mentais, e disse:

«São oitenta e dois pesos.»

Mercedes contou as notas e as moedas que tinha na carteira e confrontou-me com a realidade:

«Só temos cinquenta e três.»

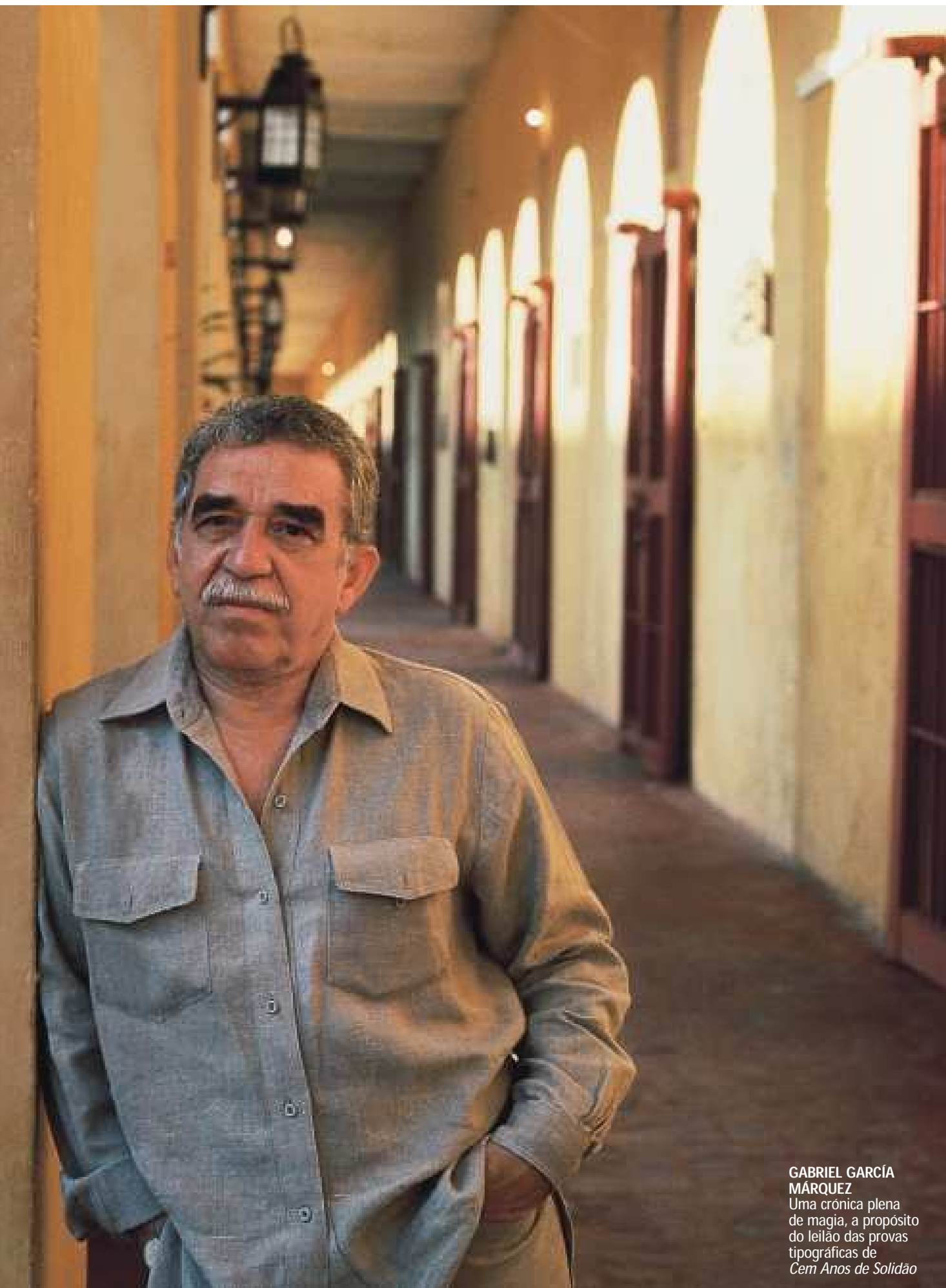
Tão acostumados estávamos a estes tropeços quotidianos, depois de mais de um ano de penúria, que não tivemos que pensar muito na solução. Abrimos o embrulho, dividimo-lo em duas partes iguais e mandámos para Buenos Aires uma delas, sem sequer nos perguntarmos como iríamos conseguir o dinheiro para enviar o resto. Eram seis da tarde de sexta-feira e, até segunda, o correio não voltaria a abrir, pelo que dispúnhamos de todo o fim-de-semana para pensar.

Já restavam poucos amigos a quem espremer e os nossos melhores objectos dormiam o sono dos justos na casa de pe-

nhores. Tínhamos, claro, a máquina portátil, com a qual escrevera o romance, em mais de um ano de seis horas diárias, mas não podíamos empenhá-la, porque nos faria falta para comer. Depois de uma

busca profunda pela casa encontramos duas coisas que talvez pudessem ser empenhadas: o aquecimento do meu estúdio, que já devia valer muito pouco, e uma batedeira que Soledad Mendoza nos oferecera em Caracas, quando nos casámos. Tínhamos também as alianças de casamento que só usámos na boda, e que nunca nos havíamos atrevido a pôr no prego por julgarmos ser de mau agouro. Desta vez, Mercedes decidiu levá-las como ▶





ULF ANDERSEN/GAMMA

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ
Uma crónica plena de magia, a propósito do leilão das provas tipográficas de *Cem Anos de Solidão*

► O ROMANCE POR TRÁS DO ROMANCE

reserva de emergência.

Na segunda-feira, fomos à casa de penhores mais próxima, onde já éramos clientes conhecidos, e emprestaram-nos – sem as alianças – um pouco mais do que nos faltava. Só quando embrulhámos no correio o resto do romance nos demos conta de que tínhamos enviado a parte final em vez da inicial. Mercedes, que sempre desconfiara do destino, não achou graça.

«Só faltava agora», disse, «que o romance fosse mau.»

A frase foi o culminar perfeito dos 18 meses que passámos a batalhar juntos para terminar o livro em que fundava todas as minhas esperanças. Até então, tinha publicado quatro obras em sete anos, pelas quais recebera pouco mais que nada, salvo *A Má Hora*, que obteve um prémio de 3 mil dólares no concurso da Esso Colombiana – que deram para o nascimento de Gonzalo, o nosso segundo filho, e para a compra do nosso primeiro carro.

Vivíamos numa casa de classe média, nos arredores de San Angel Inn, propriedade do secretário da autarquia, Luis Coudurier. Rodrigo, de 6 anos, e Gonzalo de 3, tiveram nela um bom jardim para brincar, enquanto não entraram na escola. Eu havia sido coordenador geral das revistas *Sucesos* e *La Familia*, onde cumprí, por um bom salário, o compromisso de não escrever nem uma letra durante dois anos. Carlos Fuentes e eu tínhamos adaptado para o cinema *El Gallo de Oro*, uma história original de Juan Rulfo, filmada por Roberto Gavaldón. Também com Carlos Fuentes trabalhara na versão final de *Pedro Páramo*, para o realizador Carlos Velo. Tinha escrito o guião de *Tempo de Morrer*, a primeira longa-metragem de Arturo Ripstein, e o de *Presságio*, com Luis Alcoriza. Nas poucas horas que me sobravam, fazia uma boa va-

COM A EDIÇÃO LATINO-AMERICANA

O arranque para uma espantosa carreira literária começou há 35 anos, na Cidade do México

“ Quando ‘Cem Anos de Solidão’ Já tinha feito a sua carreira, alguém recordou aquele episódio na mesma casa, e referiu que as provas com a dedicatória valiam uma fortuna ”

riedade de tarefas ocasionais – textos de publicidade, anúncios de televisão, uma ou outra letra de canção – que me davam o suficiente para viver sem sobressaltos mas não para continuar a escrever contos ou romances.

Desde há algum tempo que me atormentava a ideia de um romance desmesurado, não só diferente do que escrevera até então, mas do que tinha lido. Era uma espécie de terror sem origem. Subitamente, em princípios de 1965, ia com Mercedes e os filhos para um fim-de-semana em Acapulco, quando me senti fulminado por um cataclismo da alma, tão intenso e arrasador, que mal consegui evitar uma vaca que se atravessou na estrada. Rodrigo deu um grito de felicidade: «Também eu, quando for grande, vou matar vacas na estrada.»

Não tive um minuto de sossego, na praia. Na terça-feira, depois de regressarmos, sentei-me à máquina para escrever uma frase inicial que não podia suportar dentro de mim: «Em frente do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía iria recordar aquela tarde remota em que o pai o levou a conhecer o gelo.» Desde então, não parei um só dia, numa espécie de sonho demolidor, até à linha final, em que Macondo se foi.

Nos primeiros meses, conservei os meus melhores rendimentos, mas cada vez me faltava mais tempo para escrever o que queria. Cheguei a trabalhar de noite, até muito tarde, para cumprir os compromissos pendentes, até que se me tornou impossível. Pouco a pou-

co, fui abandonando tudo. A realidade inludível obrigou-me a escolher sem rodeios entre escrever e morrer.

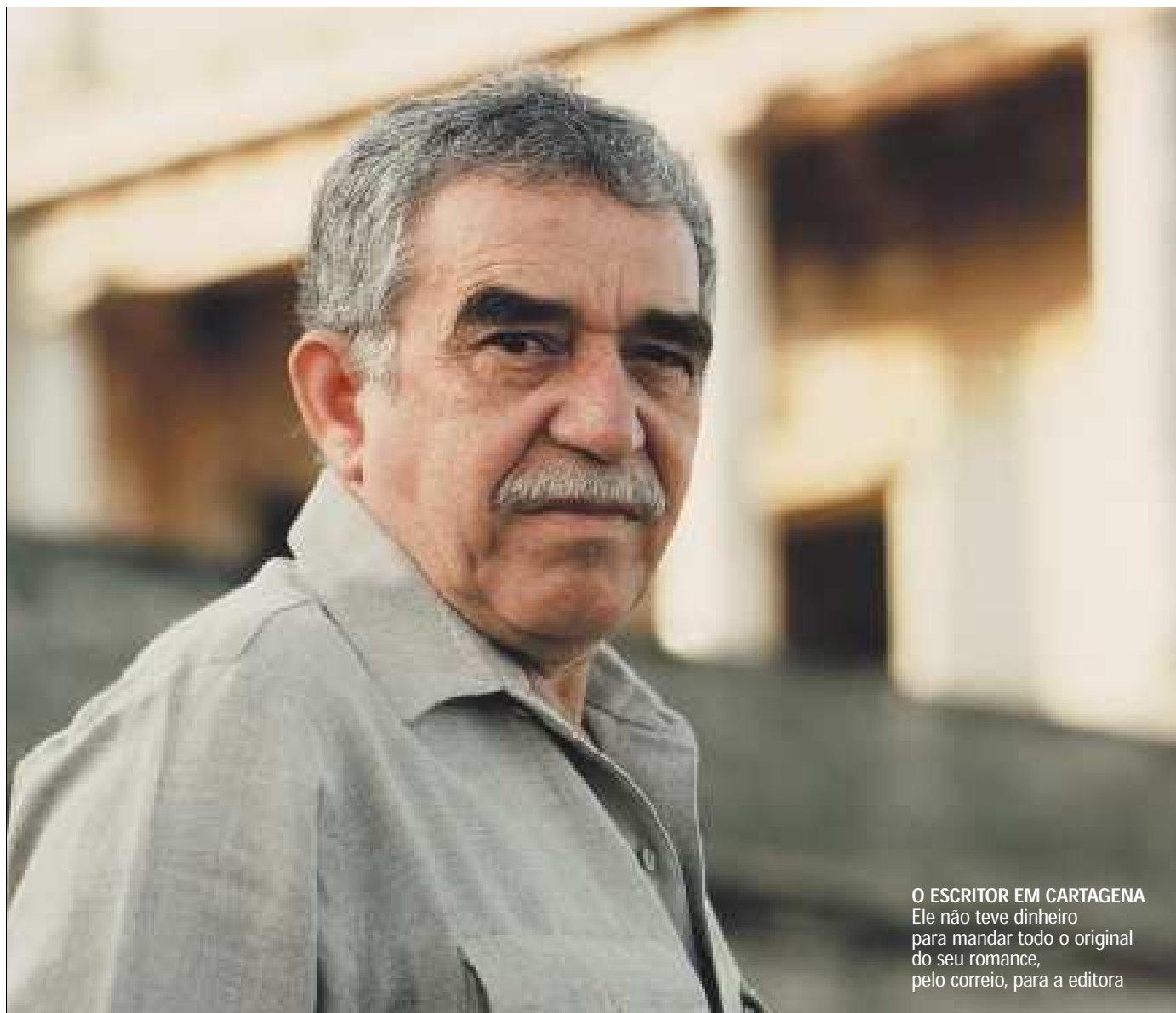
Incurções ao prego

Não tive dúvidas, porque Mercedes – mais do que nunca – se encarregou de tudo. Consegui créditos na mercearia do bairro e no talho da esquina. Desde as primeiras angústias que tínhamos resistido à tentação dos penhores com juros, até apertarmos o coração e emprendermos a nossa primeira incurção ao prego. Depois dos alívios efémeros com certas coisas miúdas, foi preciso apelar às jóias que Mercedes recebera da família, ao longo dos anos. O especialista examinou-as, com um rigor de cirurgião, pesou e observou os diamantes dos brincos, as esmeraldas de um colar, os rubis dos anéis e, no final, devolveu-os com uma longa verónica de novilheiro: «É vidro puro!»

Nunca tivemos disposição nem tempo para averiguar quando é que as pedras originais foram substituídas por fundos de garrafa, porque o touro negro da miséria nos investia por todos os lados. Pode parecer mentira, mas um dos meus problemas mais prementes era o papel para a máquina de escrever. Tinha a má educação de acreditar que os erros de dactilografia, de linguagem ou de gramática eram, na realidade, erros de criação, e sempre que os detectava rasgava a folha e atirava-a para o cesto dos papéis, para começar de novo. Mercedes gastava metade do orçamento doméstico em pirâmides de resmas de papel, que não duravam uma semana. Era talvez uma das minhas razões para não usar papel químico.

Problemas simples como esse chegaram a ser tão prementes que não pudemos iludir a solução final: empenhar o automóvel sem suspeitar que o remédio seria mais grave que a doença, porque aliviámos as dívidas atrasadas, mas, na hora de pagar os juros mensais, ficámos à beira do abismo. Por sorte, o nosso amigo Carlos Medina,

COLITA/CORBIS



O ESCRITOR EM CARTAGENA

Ele não teve dinheiro para mandar todo o original do seu romance, pelo correio, para a editora

de velha e boa data, ofereceu-se para os pagar, e não só os de um mês mas de vários, até conseguirmos resgatar o carro. Só há alguns anos soubemos que também ele tivera que empenhar um dos seus para pagar os juros do nosso.

Espantava os duendes

Os melhores amigos revezavam-se, em grupos, para nos visitar todas as noites. Apareciam como por acaso, e com pretextos de revistas e livros levavam-nos cestos de compras que pareciam casuais. Carmen e Alvaro Mutis, os mais assíduos, davam-me corda para lhes contar o capítulo em curso do romance. E eu lá me arranjava para lhes contar versões de emergência, pela minha superstição de que contar o que estava a escrever espantava os duendes.

Carlos Fuentes, apesar do seu terror de voar, naqueles tempos, corria meio mundo. Os seus regressos eram uma festa perpétua para conversar sobre os nossos livros em curso, como se fossem um só. María Luisa Elío, com as suas vertigens clarividentes, e Jomi García Ascot, seu marido, paralisado

pelo seu assombro poético, escutavam os meus relatos improvisados como sinais cifrados da Divina Providência. De resto, depressa me dei conta de que as reacções e o entusiasmo de todos me iluminavam os desfiladeiros do meu romance real.

Mercedes não voltou a falar-me das suas artimanhas de crédito, até Março de 1966 – um ano depois de ter começado o livro – quando devíamos três meses de renda. Estava a falar ao telefone com o dono da casa, como fazia com frequência para o acalmar nas suas esperas, e logo tapou o bocal com a mão para me perguntar quando esperava terminar o livro.

Pelo ritmo que adquirira num ano de prática, calculei que me faltavam seis meses. Mercedes fez então as suas contas astrais, e disse ao paciente senhorio, sem o mínimo tremor na voz: «Podemos pagar tudo por junto dentro de seis meses.»

«Desculpe, minha senhora», disse-lhe o proprietário assombrado, «dá-se conta de que, então, será uma soma enorme?»

«Dou», comentou Mercedes impassível, «mas então teremos tudo resolvido. Esteja descansado.» Ao bom homem,

um dos mais elegantes e pacientes que conhecêramos, também não tremeu a voz para responder: «Muito bem, minha senhora, a sua palavra é quanto me basta.» E fez as suas contas mortais: «Espero-a a 7 de Setembro.»

Um cheque inesperado

Enganou-se: não foi a 7 mas a 4, com o primeiro cheque inesperado que recebemos pelos direitos da primeira edição. Os meses restantes foram vividos em pleno delírio. O grupo dos meus amigos mais próximos, que conheciam bem a situação, visitavam-nos com mais frequência que antes, sempre carregados de milagres para continuarmos a viver. Luis Alcoriza e a sua mulher austríaca, Janet Riesenfeld Dunning, não eram visitantes frequentes, mas organizavam em sua casa festas históricas, com os seus amigos sábios e as raparigas mais belas do cinema. Muitas vezes eram simples pretextos para nos verem. Ele era o único espanhol que conseguia fazer fora de Espanha uma tortilha igual às de Valência, e ela era capaz de nos manter em suspenso com as suas artes de bailarina clássica. ▶

O PRÉMIO NOBEL, 'GABO'

Depois de *Cem Anos de Solidão*, muitos outros êxitos literários se sucederam, entre os quais *Amor em Tempo de Cólera*

**► O ROMANCE POR TRÁS DO ROMANCE**

ca. Os Garcia Riera, loucos por cinema, arrastavam-nos para sua casa, nas noites de domingo e infundiam-nos a demência feliz para afrontar a semana seguinte.

O romance estava então tão avançado que me dava ao luxo de continuar a enriquecer o enredo falso que improvisava nas visitas dos amigos. Muitas vezes os escutei recitados por outros a quem nunca os tinha contado, e surpreendia-me com a velocidade com que cresciam e se ramificavam, de boca em boca.

Em finais de Agosto, de um dia para o outro, apareceu-me, ao virar de uma esquina, o final do romance. Não usava papel químico e não existiam as fotocopiadoras de esquina, de modo que era um original único, com cerca de 2 mil páginas. Foi um manjar de deuses para Esperanza Araiza, a inesquecível Pera, uma das boas dactilógrafas de Manuel Barbachano Ponce, no seu castelo de Drácula para poetas e cineastas, na colónia Cuauhtémoc. Nas suas horas livres de vários anos, Pera passara a limpo grandes obras de escritores mexicanos. Entre elas, *A Região Mais Transparente*, de Carlos Fuentes; *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo, e vários argumentos originais dos filmes de Luis Buñuel. Quando lhe propus que me passasse a limpo a versão final do romance era um borrão cheio de emendas, primeiro a tinta negra e depois a tinta vermelha para evitar confusões. Mas isso não era nada para uma mulher habituada a tudo, numa jaula de loucos. Não só aceitou o borrão por curiosidade de o ler, mas também que lhe pagasse em seguida o que pudesse, e o restante quando me pagassem os primeiros direitos de autor.

Rasgámos o original

Pera copiava um capítulo por semana, enquanto eu corrigia o seguinte com todo o tipo de emendas, com tintas de diferentes cores.

Anos depois, Pera confessou-me que quando levava para casa a única cópia do terceiro capítulo corrigido por mim, escorregou ao sair do autocarro com uma chuva diluviana, e as folhas ficaram a flutuar na valeta. Recolheu-as empapadas e quase ilegíveis, com a ajuda de outros passageiros, e secou-as em casa numa tábua de passar a ferro. A minha maior emoção desses dias foi num sábado em que não tive prontas as correcções do capítulo seguinte, e telefonei a Pera para lhe dizer que não o levaria na segunda-feira. Passado um longo tempo a titubear, atreveu-se a perguntar-

-me se Aureliano Buendía se deitaria no fim com Remédios Moscote. Quando lhe respondi que sim, suspirou de alívio. «Bendito seja Deus», exclamou. «Se não me tivesse dito não teria conseguido dormir até segunda-feira.»

Nunca soube como foi que, nessa altura, recebi uma carta inesperada de Paco Porrúa – de quem nunca ouvira falar – em que me solicitava, para a Editorial Sudamericana, os direitos dos meus livros, cujas primeiras edições conhecia muito bem. Partiu-se-me o coração, pois estavam todos em diferentes editoras, com contratos a longo prazo, e não seria fácil libertá-los. A única coisa que me ocorreu foi responder a Paco que estava em vias de terminar um romance muito longo e sem compromissos, do qual poderia enviar a primeira cópia, terminada dentro de poucos dias.

Paco Porrúa aceitou por telegrama e, na volta do correio, enviou-me um cheque de 500 dólares como adiantamento. À certa para os nove meses de renda que

E logo, morto de riso, disse-me: «Ainda bem, pois é muito melhor.»

Não recordo se tinha então o título do romance, nem onde, nem quando, nem como me ocorreu. Nenhum dos amigos de então conseguiu precisar isso. Haverá algum historiador imaginativo que me faça o favor de inventar este dado?

A cópia levada por Alvaro Mutis foi a que enviámos, em duas partes, por correio, e outra foi a que ele próprio levou, pouco depois, numa das suas viagens a Buenos Aires. A terceira circulou no México, entre os amigos que nos acompanharam, nos tempos duros. A quarta foi a que mandei para Barranquilla para que fosse lida por três protagonistas do romance: Alfonso Fuenmayor, Germán Vargas e Alvaro Cepeda, cuja filha Patricia ainda a guarda como um tesouro.

Quando recebemos o primeiro exemplar do livro impresso, em Junho de 1967, Mercedes e eu rasgámos o original rabiscado que Pera utilizara para as cópias. Não nos ocorreu pensar que podia ser o

“ É ESSE O DOCUMENTO DE 180 PÁGINAS COM 1 026 CORRECÇÕES PELO MEU PUNHO, QUE IRÁ A LEILÃO A 21 DE SETEMBRO DESTE ANO, NA FEIRA DO LIVRO DE BARCELONA, SEM PARTICIPAÇÃO NEM BENEFÍCIO ALGUM DA MINHA PARTE ”

nos tínhamos comprometido a pagar por esses dias, e não arranjàvamos maneira, por um mau cálculo meu, quanto a terminar o romance.

Seja como for, a limpa transcrição com três cópias em papel químico ficou pronta dentro de mais duas ou três semanas. Alvaro Mutis foi o primeiro leitor da cópia definitiva, ainda antes de a enviar para impressão. Desapareceu dois dias, e ao terceiro telefonou-me com uma das suas fúrias cordiais, ao descobrir que o romance não era na realidade o que eu contava para entreter os amigos, e que ele repetia encantado aos seus.

«O senhor fez-me ficar numa rodilha, caramba!», gritou-me. «Este livro não tem nada a ver com o que nos contava.»

mais apreciado de todos, com o terceiro capítulo mal legível, por causa da chuva e dos erros de palmatória. A minha decisão não foi nada inocente nem modesta, antes destruámos a cópia para que ninguém pudesse descobrir os truques da minha carpintaria secreta. No entanto, noutras partes do mundo pode haver outras cópias, em especial as duas enviadas à Editorial Sudamericana para a primeira edição. Sempre pensei que Paco Porrúa – com todo o seu direito – as guardara como relíquia. Mas negou, e a sua palavra é de ouro.

Especações de Buñuel

Quando a editora me enviou a primeira cópia das provas impressas, le- ▶

► O ROMANCE POR TRÁS DO ROMANCE

vei-as, já corrigidas, a uma festa em casa dos Alcoriza, sobretudo para satisfazer a curiosidade insaciável do convidado de honra, Luis Buñuel, que teceu todo o tipo de especulações magistrais sobre a arte de corrigir, não para melhorar, mas para esconder. Vi Alcoriza tão fascinado com a conversa, que decidi dedicar-lhe as provas: «Para Luis e Janet, uma dedicatória repetida mas que é a única verdadeira: 'Do amigo que mais os quer neste mundo'.» Junto da assinatura escrevi a data: 1967. Vinte e oito anos depois, quando *Cem Anos de Solidão* fizera a sua carreira, alguém recordou aquele episódio na mesma casa, e referiu que as provas com a dedicatória valiam uma fortuna. Janet tirou-as do seu baú e exi-

“ Luis e Janet viveram os seus últimos anos com centenas de milhares de dólares guardados no fundo do baú, pela invencível dignidade ibérica de não vender o presente do amigo ”

biu-as na sala, até que lhe disseram que, com aquilo, podiam deixar de ser pobres. Alcoriza fez então uma cena muito sua, dando murros com ambos os punhos no peito, e gritando com o seu vozeirão bem colocado: «Pois eu prefiro morrer a ven-

der esta jóia, dedicada por um amigo!»

Entre a justa ovação de todos, puxei da mesma esferográfica da primeira vez, que ainda conservava, e escrevi por baixo da dedicatória anterior: Confirmado, 1985. E voltei a assinar, como da primeira vez: Gabo. É esse o documento de 180 páginas com 1 026 correcções pelo meu punho, que irá a leilão a 21 de Setembro deste ano, na feira do livro de Barcelona, sem participação nem benefício algum da minha parte.

História memorável

Não haja dúvida de que é uma operação legítima. O que estava a desconcertar alguns era a razão por que as provas originais estavam em meu poder, se as deveria ter devolvido a Buenos Aires para que introduzissem as correcções finais na primeira edição. A verdade é que nunca as devolvi corrigidas pelo meu punho e letra, antes enviei pelo correio a lista das correcções copiadas à máquina, linha por linha, com receio de que o molho de folhas se perdesse na volta.

Luis Alcoriza morreu em 1992, aos 71 anos, no seu retiro de Cuernavaca. Janet ali continuou, e morreu passados seis anos, reduzida a um pequeno núcleo de amigos fiéis. Entre eles, o mais fiel de todos, Héctor Delgado, que os adoptara como pais e se ocupou deles nas vacas magras da velhice, mais e melhor do que se tivessem sido os verdadeiros. Antes de morrer, nomearam-no seu herdeiro legítimo por disposição testamentária. A única coisa que me parece injusta nesta história inverosímil e memorável, é que Luis e Janet viveram os seus últimos anos com centenas de milhares de dólares guardados a salvo do tempo, no fundo do baú, pela invencível dignidade ibérica de não vender o presente do amigo que mais lhes quis neste mundo. ■

© G. García Márquez, *Abrenuncio/Cambio/VISÃO*

MARCELO SALINAS/FEPA



NA COLÔMBIA
Uma relação
nem sempre pacífica,
com o seu país natal